

10º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política
Belo Horizonte, 30 de agosto a 02 de setembro
Área Temática: Ensino e Pesquisa em Ciência Política e Relações Internacionais

MAPEANDO A PESQUISA NA CIÊNCIA POLÍTICA BRASILEIRA:

ÁREAS TEMÁTICAS E REDES DE COLABORAÇÃO NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

Melina Mörschbacher¹ || melina.ufrgs@gmail.com

Cristiana Maglia² || cris.maglia@gmail.com

Paulo Sérgio Peres³ || peres.ps@gmail.com

¹ Doutoranda em Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando na área de pesquisa de História da Ciência Política.

² Doutoranda em Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando na área de pesquisa de História da Ciência Política.

³ Doutor em Ciência Política e professor adjunto do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO

O artigo realizou um estudo das redes de colaboração científica existentes nas disciplinas de Ciência Política e de Relações Internacionais no Brasil. Partiu-se da análise dos currículos e da produção científica de 119 pesquisadores, contemplados pela bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, a fim de identificar padrões de relacionamento cooperativo entre indivíduos e áreas de pesquisa. Considerou-se a cooperação expressa na produção de artigos, livros e capítulos de livros em coautoria, de modo que a análise se deu por meio do auxílio de técnicas bibliométricas e da abordagem teórico-metodológica da Análise de Redes Sociais. Como resultado, as redes identificadas possibilitaram verificar que as disciplinas de Ciência Política e Relações Internacionais apresentam um quadro de significativa colaboração em pesquisa. Esta, todavia, é constituída de pequenos grupos, que se posicionam ao redor de pesquisadores produtivos. Desta forma, observam-se redes de colaboração em pesquisa esparsas e instáveis, mas que apontam para uma alta potencialidade.

Palavras-chave: Colaboração Científica; Coautoria; Ciência Política; Relações Internacionais; Análise de Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da área científica no Brasil, assim como a criação e expansão de cursos de pós-graduação nas últimas décadas, tem motivado debates disciplinares e interdisciplinares a respeito da produção e disseminação do conhecimento. No caso das disciplinas de Ciência Política e Relações Internacionais se inicia um movimento na busca de contar a sua história e identificar suas diretrizes e direções⁴. Isto se deve, sobretudo, à sua recente institucionalização e à conquista de um *status* de maior autonomia.

A Ciência Política, com seu surgimento como disciplina acadêmica autônoma nos Estados Unidos, tem também sua história registrada a partir da perspectiva norte-americana. Isso ocorre especialmente devido à existência de uma forte tradição de estudos sobre o desenvolvimento da área naquele país (ALMOND, 1998, DRYZEK, 2006, EASTON, 1985, FARR, 1995, GOODING; KLINGEMANN, 1998, REDFORD, 1961, ROSS, 1991, SOMIT; TANNENHAUS, 1967). Portanto, em lugares onde o desenvolvimento institucional da área se deu posteriormente, o debate ainda é recente e essa literatura ainda está em construção. No Brasil, mais especificamente, a institucionalização da área se deu a partir dos anos 1960, com a criação dos cursos de pós-graduação na Universidade Federal de Minas Gerais e no Instituto de Pesquisas do Rio de Janeiro. Assim, a formação da área de Ciência Política no país é tema debatido por autores há pouco mais de três décadas, seguindo uma tendência de autorreflexão analítica (LAMOUNIER, 1982, REIS, 1993, QUIRINO, 1994, MICELI, 1995, FORJAZ, 1997, AMORIM NETO; SANTOS, 2005, 2015, TRINDADE, 2007, 2012, SOARES, 2005, LESSA, 2010, MADEIRA; MARENCO, 2016, MARENCO, 2014, 2015, LEITE, 2015).

No caso das Relações Internacionais, cuja produção de conhecimento ocorre muitas vezes em diálogo com a Ciência Política, e mesmo dentro de departamentos de Ciência Política, os estudos são ainda mais escassos, apesar de alguns esforços de reflexão sobre a disciplina (CRUZ; MENDONÇA, 2010, FARIA, 2012, HERZ, 2002, LESSA, 2005, MIYAMOTO, 1999, 2003, SANTOS; FONSECA, 2009). A institucionalização da área no Brasil se deu a partir da criação do curso de graduação na Universidade de Brasília, em 1974. Posteriormente, a mesma universidade fundou a primeira pós-graduação na área, em 1984, seguida pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1987, e pela Universidade Estadual Paulista, em 2001.

É importante destacar que, no Brasil, a Ciência Política estrutura-se a partir da pós-

⁴ No ano de 2013, a Associação Brasileira de Ciência Política, com apoio da Fundação Ford, lançou o projeto “Ciência Política no Brasil: História, Conceitos e Métodos”, com o intuito de “ir além de onde se encontra a literatura atual sobre o tema, e impulsionar (...) um processo de história e memória da Ciência Política no Brasil que tenha uma dimensão ao mesmo tempo biográfica, metodológica e conceitual” (ABCP, 2016). No ano de 2014, foram realizados seminários no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e São Paulo.

graduação. Atualmente, 43 Programas de pós-graduação são reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na área de avaliação “Ciência Política e Relações Internacionais”⁵. São 15 Programas de Ciência Política⁶, 10 de Relações Internacionais⁷ e 18 com denominação diversa⁸. Na graduação, os cursos de Relações Internacionais se destacam em relação ao número: são 142 cursos, em comparação aos 12 de Ciência Política⁹. O número de cursos de bacharelado em Relações Internacionais cresceu progressivamente desde os anos 2000, enquanto pode-se afirmar que a Ciência Política se manteve vinculada às Ciências Sociais na graduação.

A partir deste panorama, estudos sobre o desenvolvimento e estado atual das disciplinas de Ciência Política e Relações Internacionais podem ser realizados por meio de diversas perspectivas. Pode-se mapear as teses e dissertações defendidas na área, bem como linhas, grupos ou os projetos de pesquisa; ou recorrer à produção da área no que tange ao seu perfil editorial ou alcance a nível internacional. Contudo, o recorte efetuado no presente trabalho diz respeito às redes de colaboração, compreendendo a área como uma comunidade científica, na qual os pesquisadores estabelecem redes de colaboração que se interconectam por vinculações teóricas, metodológicas, epistemológicas e temáticas, ou até mesmo por fatores extracientíficos (KUHN, 2005).

Dessa forma, o objetivo aqui proposto é analisar as redes de colaboração científica existentes nas disciplinas de Ciência Política e de Relações Internacionais no Brasil por meio do currículo e produção científica de pesquisadores da área. Buscou-se identificar interações entre pesquisadores e, por consequência, entre as universidades que estes representam. Para tanto, o presente trabalho organiza-se da seguinte forma: apresenta uma breve introdução ao debate sobre redes de colaboração e estudos de coautoria; expõe os dados e metodologia utilizados e, finalmente, desenvolve uma análise amparada em técnicas bibliométricas e na abordagem teórico-metodológica de Análise de Redes Sociais.

⁵ São 63 cursos, divididos entre 35 de mestrado, 20 de doutorado e 8 de mestrando profissionalizante.

⁶ A listar: FUFPI, UERJ, UFF, UFG, UFMG, UFPA, UFPE, UFPel, UFPR, UFRGS, UFSCar, UnB, UNICAMP, USP e UFPB (com a denominação Ciência Política e Relações Internacionais).

⁷ A listar: PUC Minas, PUC Rio, UEPB, UERJ, UFBA, UFSC, UFU, UnB, UNESP/MAR, USP.

⁸ A listar: Políticas Públicas (UFABC, UNIPAMPA, UEM, UFPE, UFRGS); Análise e Gestão de Políticas Internacionais: Resolução de Conflitos e Cooperação para o Desenvolvimento (PUC Rio); Cartografia Social e Política da Amazônia (UEMA); Ciências Aeroespaciais (UNIFA); Ciências Militares (ECEME); Direitos Humanos, Cidadania e Violência (UNIEURO); Economia Política Internacional (UFRJ); Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança (UFF); Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS); Estudos Marítimos (EGN); Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social (UFRB); Integração Contemporânea da América Latina (UNILA); Poder Legislativo (CEFOR); Políticas Públicas em Direitos Humanos (UFRJ).

⁹ De acordo com a ABCP, 12 cursos de bacharelado em Ciência Política são ministrados no Brasil, conforme o mapa (<http://goo.gl/2E7AE>). Porém, 32 cursos ligados ao termo política – Ciência Política, Ciências Políticas, Políticas Públicas – estão cadastrados no e-MEC de Instituições e Cursos de Educação Superior (<http://emec.mec.gov.br/>).

1. REDES DE COLABORAÇÃO E COAUTORIA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Nos últimos anos tem crescido o interesse pela colaboração na ciência, não só enquanto prática, mas também como objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento (BARANÁSI *et al.*, 2002, LEITE *et al.*, 2014, NEWMAN, 2001, 2004, MAIA; CAREGNATO, 2008, SOARES; SOUZA; MOURA, 2010). A colaboração tem se demonstrado benéfica ao fazer científico, mais criativo e de qualidade, e necessária, tendo em vista o “estresse quantitativista” de produção que pesquisadores têm vivenciado devido às novas dinâmicas de trabalho nas universidades, exigências por parte de agências de fomento em pesquisa e busca por uma inserção no debate científico internacional (LEITE *et al.*, 2014).

A colaboração científica pode ser definida como um conjunto de interações que ocorrem dentro de um contexto social de determinada área do conhecimento, entre dois ou mais indivíduos, que facilitam a realização de uma pesquisa. Por meio da colaboração, os pesquisadores podem estabelecer redes de comunicação, compartilhar ideias, recursos e informações, dividindo os créditos e a responsabilidade (PEREIRA *et al.*, 2014). Pode-se dizer que a noção de pesquisadores isolados tem sido progressivamente questionada na medida em que são criadas associações profissionais e se tornam mais correntes negociações e estratégias para interligar o maior número de pesquisadores possível (SILVA, 2002 *apud* MAIA; CAREGNATO, 2008).

Como prática, a colaboração científica ocorre devido aos incentivos e recompensas destinados a quem coopera, que se relacionam diretamente à criação e disseminação do conhecimento. Em relação a criação do conhecimento há grande possibilidade de aumento da qualidade da pesquisa e da realização de um trabalho mais criativo, visto que se trata de uma soma de esforços em determinada área de pesquisa (LEITE *et al.*, 2014). Quanto à disseminação do conhecimento, parcerias intra e interinstitucionais propiciam um maior compartilhamento de informações em nível nacional e internacional, o que se reverte em maior visibilidade e alcance dos resultados científicos¹⁰.

Como objeto de estudo, existe uma grande literatura que ainda está por analisar quem, porque e como colabora (LEITE *et al.*, 2014), a fim de identificar padrões de relacionamento e características de colaboração em um cenário institucional nacional e internacional de pesquisa. São diversas as possibilidades e caminhos para a análise da colaboração científica. Existem

¹⁰ Deve-se destacar que existem objetivos específicos circunscritos a busca da criação e disseminação do conhecimento. As pesquisadoras Lara e Lima (2009, p. 218 *apud* SALES *et al.*, 2011) citam alguns, tais como: busca por financiamento de pesquisa; necessidade de instrumentos em maior escala; compartilhamento de conhecimentos com outros pesquisadores, inclusive com aqueles que buscam adquirir experiência e treinamento; e trabalhos interdisciplinares.

abordagens que se referem a citações de autores em trabalhos científicos, escrita conjunta de projetos, relações de orientação e outros tipos de relações menos formalizadas. Todavia, o indicador mais evidente de colaboração científica e mais utilizado nos estudos sobre o tema é a coautoria (NEWMAN, 2001, 2004, BARANÁSI *et al.*, 2002, MAIA; CAREGNATO, 2008).

A coautoria se configura como uma manifestação formal da colaboração em pesquisa (NEWMAN, 2001). Desse modo, torna-se possível uma análise da atividade social existente em determinados espaços acadêmicos, ou seja, uma análise dos padrões de relacionamento cooperativo entre indivíduos e instituições. As análises de coautoria podem servir aos mais variados fins. Alguns dos principais objetivos seriam compreender os processos de formação da colaboração, as motivações e as estratégias para a colaboração, os efeitos da pesquisa colaborativa e a relação entre coautoria e produtividade (SOARES; SOUZA; MOURA, 2010).

Em associação aos trabalhos de coautoria, estudos sobre colaboração científica têm sido realizados por meio da abordagem teórico-metodológica da Análise de Redes Sociais (SOBRAL, 2004, MAIA; CAREGNATO, 2008, NEWMAN, 2004, FAFCHAMPS *et al.*, 2006). Uma rede é, dessa forma, uma representação gráfica (*grapho*) que possibilita a visualização da estrutura e das posições de atores, simbolizados por nós (ou vértices) conectados por arestas (ou linhas). Assim, é relevante destacar que a unidade de observação da Análise de Redes Sociais é constituída pelo conjunto dos agentes e suas conexões e não simplesmente pelas características dos atores.

As redes podem representar a colaboração científica entre pesquisadores e instituições, identificando aqueles que possuem relações mais sólidas e frequentes e maior influência sobre a comunidade. A partir da reconstituição matemática do universo analisado, por meio de matrizes, é possível criar *graphos* e verificar quantitativamente indicadores de densidade, fragmentação, transitividade, bem como diferentes métricas de centralidade, tanto no nível da rede como um todo, quanto no nível dos nós. Para tais pesquisas, normalmente são utilizados *softwares* de análise de dados tais como UCINET, ORA, NodeXL, NetMiner e Gephi.

A investigação no campo de pesquisa de colaboração científica e mesmo o uso de Análise de Redes de Sociais, apesar de disseminada nos Estados Unidos¹¹ e em países da Europa, está em desenvolvimento no Brasil. Ainda assim, existe uma busca pelo questionamento ou confirmação dos resultados apresentados por essa literatura, tal como o argumento de que as redes de colaboração em pesquisa possuem especificidades e diferenças entre as diferentes áreas do conhecimento.

Soares, Souza e Moura (2010), no artigo “Colaboração científica na Ciência Política e na Sociologia brasileiras” apresentam um panorama dos estudos da área. Esses apontam que a

¹¹ Em 2011 foi publicado na *Perspectives on Politics*, revista de debate metodológico da APSA, uma breve revisão de estudos de redes na área de Ciência Política (LAZER, 2011). A revista conta com outros debates a respeito de estudos de revisão da área, análises bibliométricas e relações de coautoria em pesquisa.

colaboração tem aumentado em todas as disciplinas, todavia existe um grau distinto entre elas. Podemos perceber maior colaboração, e mais autores por artigo, nas ciências naturais do que nas Ciências Sociais; assim como há maior colaboração, e mais autores por artigo, em trabalhos de natureza experimental e empírica do que em trabalhos teóricos. Além disso, os autores apontam que os trabalhos cooperativos internacionais têm maior impacto e visibilidade e que a colaboração aumenta a produtividade dos pesquisadores.

O presente estudo tem a pretensão de contribuir com a literatura e o debate apresentados, por meio do mapeamento de padrões de colaboração nas áreas de Ciência Política e de Relações Internacionais no Brasil. Visa-se o desenvolvimento da ciência e a compreensão da relevância da comunicação e da difusão do conhecimento científico.

2. DADOS E METODOLOGIA

O objetivo geral do estudo foi analisar as redes de colaboração existentes na pesquisa científica nas disciplinas de Ciência Política e de Relações Internacionais no Brasil. Para tanto, partiu-se da produção científica de pesquisadores reconhecidos da área a fim de identificar padrões de relacionamento cooperativo entre indivíduos e instituições. Considerou-se a cooperação expressa na produção de artigos, livros e capítulos de livros em coautoria, de modo que a análise se deu por meio do auxílio de técnicas bibliométricas e da abordagem teórico-metodológica de Análise de Redes Sociais. Além disso, por essa metodologia, objetiva-se abordar aspectos específicos de colaboração científica, tais como: padrões de relacionamento entre atores, conectividade de atores e formação de *clusters*.

As redes analisadas têm como base 119 pesquisadores das áreas de Ciência Política e Relações Internacionais. Haver recebido, durante o ano de 2016, a bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) foi o critério utilizado para a seleção desses pesquisadores¹². A bolsa de Produtividade em Pesquisa é “destinada aos pesquisadores que se destaquem entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e específicos, pelos Comitês de Assessoramento do CNPq” (CNPq, 2016). Ela pode ser solicitada por formulário no site da CNPq e, após seleção, é concedida individualmente a pesquisadores em duas categorias, 1 e 2¹³.

¹² Os dados foram coletados no site do CNPq, que disponibiliza a listagem dos pesquisadores contemplados pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa nas grandes áreas de “Engenharias, Ciências Exatas e da Terra”, “Ciências da Vida” e “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas”, na qual se encontra a área específica de Ciência Política e Relações Internacionais.

¹³ As bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq têm duração de 60 meses na categoria/nível 1A; 48 meses na 1B, 1C e 1D; e 36 meses na categoria 2.

Na categoria 1, os pesquisadores são enquadrados em quatro níveis – A, B, C ou D –, sendo avaliados comparativamente por seus pares, com base na produção dos últimos 10 anos e foco na formação contínua de recursos humanos. Na área de Ciência Política e Relações Internacionais, 52 pesquisadores se enquadram nessa divisão, sendo 10 1A, 15 1B, 8 1C e 19 1D. Na categoria 2, não há especificações de nível, sendo avaliada a produtividade dos pesquisadores, com destaque para os trabalhos publicados e orientações referentes aos últimos 5 anos. Nessa categoria, 67 pesquisadores da área de Ciência Política e Relações Internacionais recebem a bolsa.

Após selecionada a amostra, os dados foram coletados no perfil público do currículo Lattes dos pesquisadores¹⁴. As informações consideradas foram: a) universidade ou instituição a qual representam enquanto bolsista de Produtividade em Pesquisa; b) área de atuação em pesquisa; e c) produção acadêmica de artigos, livros e capítulos de livros¹⁵. Também foram contabilizados os artigos, livros e capítulos de livros produzidos em coautoria com um, dois ou três ou mais autores. Os dados dos currículos foram coletados e organizados em planilhas para a quantificação e categorização das informações.

No que diz respeito à coautoria, entretanto, mais importante do que identificar o quanto de colaboração existe na produção dos pesquisadores selecionados é responder de que modo se dá essa colaboração, ou seja, identificar a estrutura de redes de colaboração existente, tanto entre os pesquisadores contemplados com a bolsa de Produtividade em Pesquisa, quanto com seus demais parceiros de pesquisa. Tais informações foram coletadas por meio da produção de duas matrizes quadradas. Na primeira, de 119x119, foram registradas todas as colaborações ocorridas entre os pesquisadores com bolsa de Produtividade em Pesquisa; e na segunda, de 1802x1802, foram registradas todas as colaborações de pesquisadores com bolsa de Produtividade em Pesquisa considerando as relações destes com todos os outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros mencionados em seus currículos. Essas matrizes expõem não só a existência de relações, mas também a intensidade das mesmas, ou seja, quantas publicações conjuntas foram realizadas em cada relação¹⁶.

A análise foi realizada por meio dos softwares de visualização e exploração de dados, ORA e NodeXL. Essas ferramentas possibilitam a representação gráfica de nós conectados na

¹⁴ A última atualização completa do banco de dados utilizado foi realizada em 24 de junho de 2016. A partir dessa data, os dados foram coletados em documentos congelados.

¹⁵ A produção bibliográfica dos pesquisadores foi considerada em sua totalidade. A opção por não escolher um marco temporal se deve ao objetivo fundamental da pesquisa de perceber onde existem relações de colaboração e influência antes de uma métrica de acordo com o tempo.

¹⁶ É importante mencionar que, para fins desse estudo, a coautoria foi considerada uma relação horizontal, ou seja, não se atribuiu maior peso ao primeiro autor e menor peso aos demais autores. Ainda, em termos utilizados na teoria dos grafos, as relações entre os pesquisadores foram consideradas “sem direcionamento”, significando que a relação entre dois nós é simétrica.

Análise de Redes Sociais. Partindo dos *egos* (pesquisadores bolsistas de Produtividade em Pesquisa), é possível verificar suas relações e, assim, avaliar padrões de centralidade, proximidade e intermediação entre os pesquisadores ou instituições consideradas.

3. ANÁLISE

A partir do universo selecionado de 119 pesquisadores das áreas de Ciência Política e Relações Internacionais, contemplados com a bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq e representantes de 29 instituições de ensino e pesquisa, foram consideradas 9112 publicações, que contaram com a colaboração de 1683 pesquisadores em relação de coautoria. O total de publicações foi discriminado em artigos, livros e capítulos de livros, de modo a apresentar uma contabilização total de cada um, assim como uma média de publicações por pesquisador.

Tabela 1. Publicações de artigos, livros e capítulos de livros

	Artigos	Livros	Capítulos
Total	4888	953	3271
Média	41,08	8,01	27,49

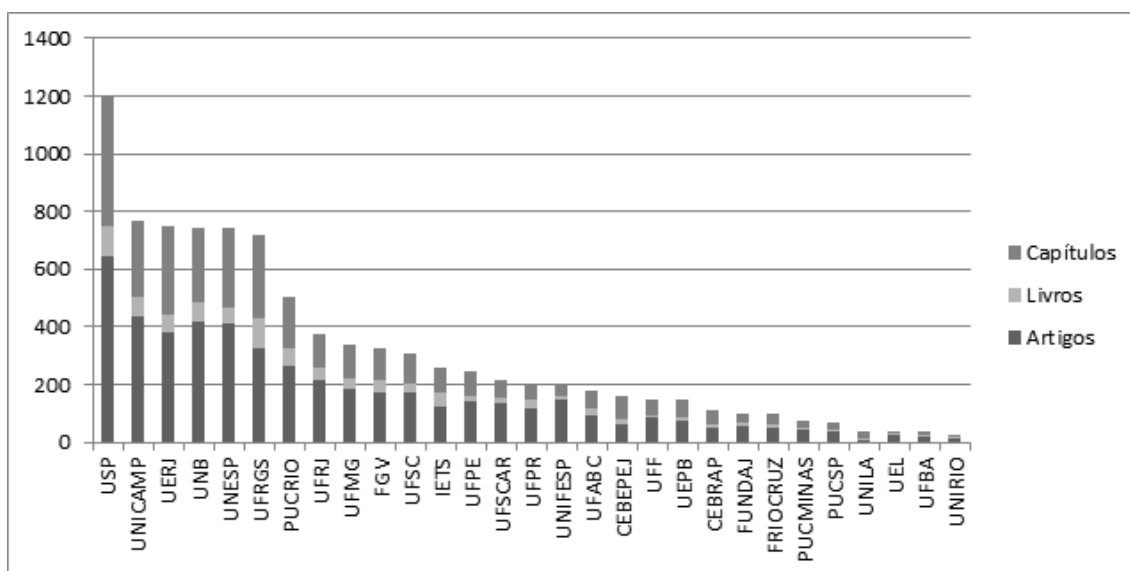
Fonte: Elaboração dos autores a partir da Plataforma Lattes.

Percebe-se que a maior parte da produção analisada é constituída de artigos científicos, que equivalem a 53,6% de toda a produção e atingem uma média de 41,08 artigos por pesquisador, todavia podendo variar de 5 a 164 artigos produzidos. Os livros publicados compõem 10,4% da produção, sendo a média de 8 livros por pesquisador, com variação de 0 a 51 livros. E, por fim, no caso de capítulos de livros, estes representam 36% da produção, sendo a média de 27,49, com variação de 2 a 89 capítulos. Como esperado, devido à própria natureza da bolsa de Produtividade em Pesquisa, pode-se observar um aumento progressivo da média de artigos produzidos quando considerados os níveis e categorias das bolsas concedidas pelo CNPq, apesar de alguns casos desviantes.

A produção analisada também pode ser discriminada a partir das instituições de ensino às quais os 119 pesquisadores estão vinculados. Estas 29 instituições se distinguem entre 23 universidades e 6 institutos e centros de ensino e pesquisa. Dentre as universidades encontram-se: UNB (14), USP (13), UNICAMP (10), UFRGS (9), PUCRIO (8), UNESP (8), UERJ (7), UFMG (6), UFSC (5), UFPE (4), UFRJ (4), UFABC (3), UFPR (3), UFSCAR (3), PUCMINAS (2), UFF (2),

PUCSP (1), UEL (1), UEPB (1), UFBA (1), UNIFESP (1), UNILA (1) e UNIRIO (1); e dentre os institutos: FGV, CEBEPEJ, CEBRAP, FIOCRUZ, FUNDAJ e IETS. O gráfico abaixo distribui a produção total analisada no artigo de acordo com a instituição de atuação dos pesquisadores.

Gráfico 1. Artigos, livros e capítulos de livros publicados por instituições de ensino e pesquisa



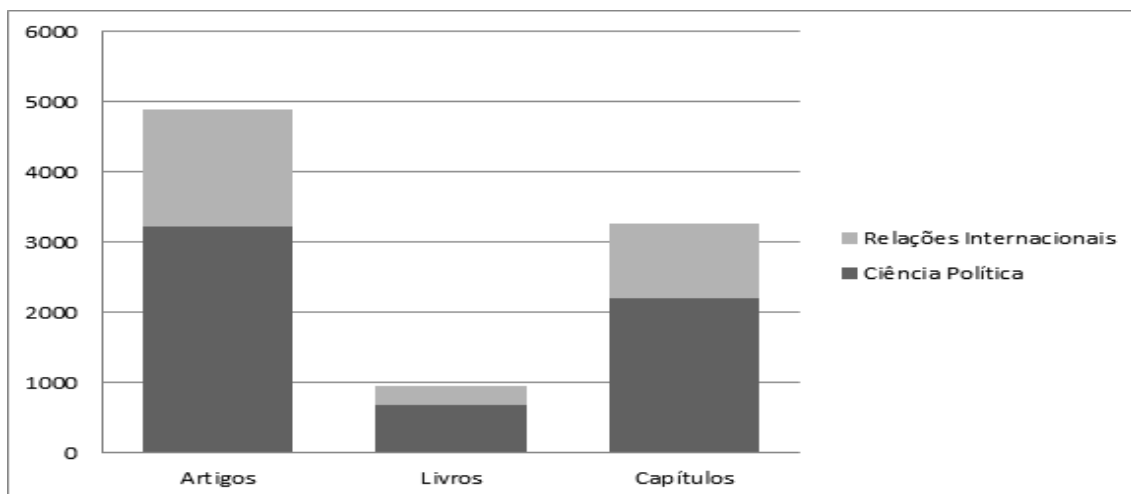
Fonte: Elaboração dos autores a partir da Plataforma Lattes.

Tratando-se da produção dos pesquisadores selecionados, as universidades mais representadas são a USP, UNICAMP, UERJ, UNB, UNESP e UFRGS. Estas 6 universidades, que concentram 51,26% dos pesquisadores contemplados pela bolsa Produtividade em Pesquisa do CNPq, concentram 54% de toda a produção analisada. Ou seja, os resultados são proporcionalmente condizentes, apesar do destaque para a produção da USP. Os dados coletados também foram categorizados em duas grandes áreas: Ciência Política e Relações Internacionais. A categorização nesse caso partiu das informações contidas nos currículos dos pesquisadores no que tange à área de atuação em pesquisa e a observação da orientação majoritária de sua produção de artigos, livros e capítulos de livros. Dessa forma, a classificação independe da filiação institucional do pesquisador.

Os resultados encontrados foram que de 119 pesquisadores, 81 têm sua produção científica majoritariamente voltada para a área de Ciência Política e 38, para a área de Relações Internacionais. Esses produziram, respectivamente, um montante de 6108 e 3004 publicações. A discriminação dessa produção em artigos, livros e capítulos de livros em cada área pode ser conferida no gráfico 2. Se comparadas as médias de artigos, livros e capítulos de livros

produzidos pelos autores com produção voltada para as áreas de Ciência Política e Relações Internacionais não são percebidas significativas variações.

Gráfico 2. Artigos, livros e capítulos de livros de pesquisadores das áreas de Ciência Política e Relações Internacionais

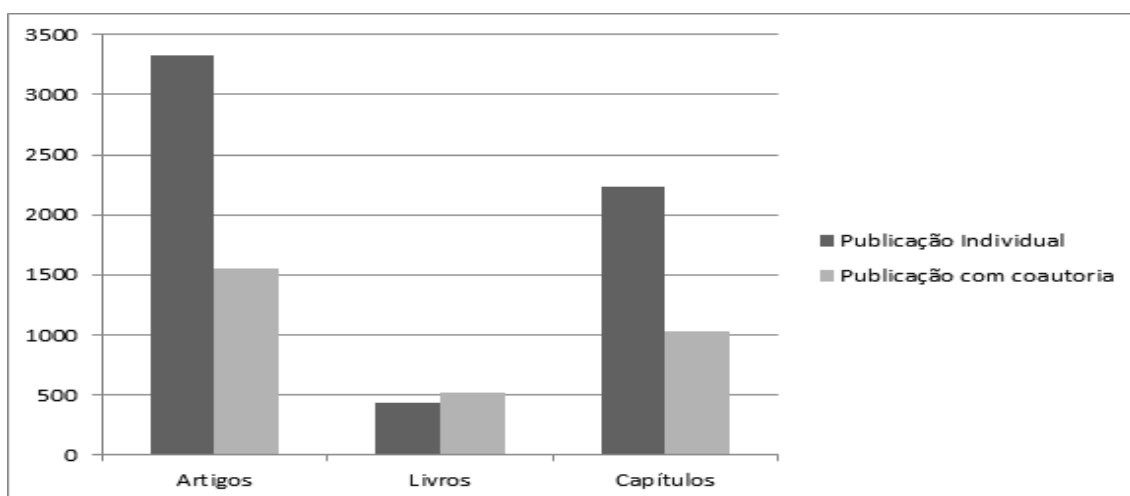


Fonte: Elaboração dos autores a partir da Plataforma Lattes.

Os dados mostram que 67% da produção é realizada por pesquisadores que se dedicam predominantemente à área de Ciência Política e 33% por pesquisadores que se dedicam predominantemente à área de Relações Internacionais. A média de produção por pesquisadores não representou alteração significativa quando realizada a comparação entre áreas de atuação. Ressalta-se que isso não quer dizer que todos os artigos, livros e capítulos de livros publicados sejam nessas áreas de pesquisa. O intuito foi fazer uma distinção para que, em seguida, na Análise de Redes Sociais, seja possível identificar o padrão de colaboração em pesquisa em Ciência Política e Relações Internacionais.

Após a contabilização geral de artigos, livros e capítulos de livros publicados por universidade e área de atuação em pesquisa, o estudo volta-se ao seu objetivo principal: a identificação de relações de cooperação em produção de pesquisa. Neste caso, a contabilização geral da produção individual ou cooperativa pode nos levar à identificação de alguns padrões, tais como: a) dimensão da cooperação (com 1, 2 ou 3 ou mais autores); b) universidades onde se encontram os pesquisadores que mais cooperam; c) área de atuação em pesquisa que mais coopera. A partir do gráfico 3, serão descritos os resultados encontrados.

Gráfico 3. Coautoria nas publicações de artigos, livros e capítulos de livros



Fonte: Elaboração dos autores a partir da Plataforma Lattes.

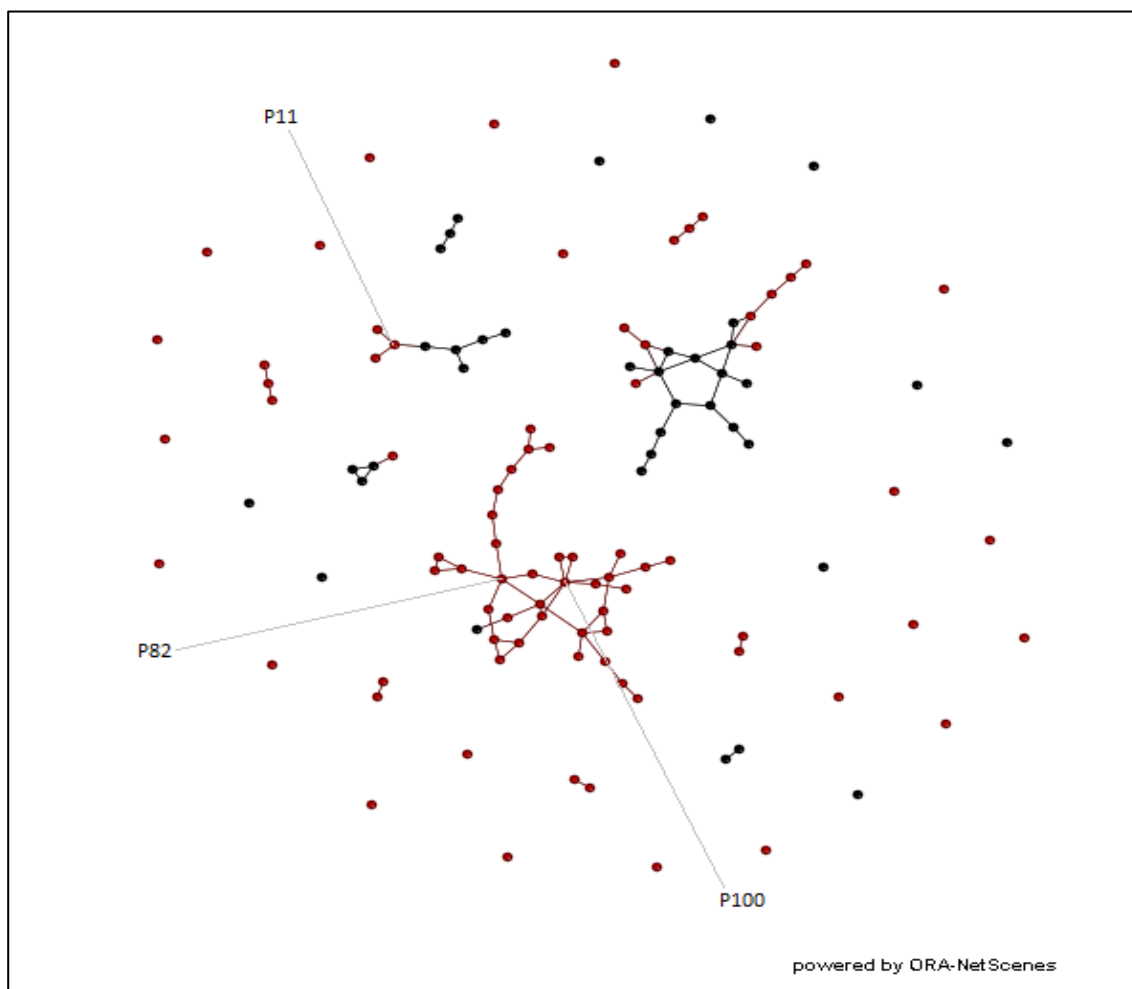
Confirmando a hipótese já levantada pela literatura, as disciplinas de Ciência Política e Relações Internacionais, seguindo o padrão das demais disciplinas da área de humanidades, apresentam maior tendência a publicar individualmente. No caso dos artigos e dos capítulos de livros publicados, a publicação individual chega a quase 70% do número total. Um padrão distinto pode ser observado no caso dos livros, que normalmente contam com mais autores, principalmente quando trata-se de livros organizados. As publicações individuais representam menos da metade do total de livros publicados, 45,7%.

Quanto à dimensão da cooperação nas produções – existência de 1, 2 ou 3 ou mais coautores – pode-se perceber distintos padrões se comparados artigos e capítulos com livros. Dos 1546 artigos escritos em coautoria, 72% das publicações contam com um coautor, sendo a incidência de 2 coautores de 21% e de 3 ou mais de 7%. No caso dos 1027 capítulos, há 72% de produções com uma coautoria, 20% com 2 e 8% com 3 ou mais. No que diz respeito aos 518 livros o resultado é distinto: há 55,5% de produções com uma coautoria; 23,5% com 2 e 21% com 3 ou mais. Em relação a incidência de coautorias por universidade, observou-se que, dentre os mais colaborativos, encontram-se pesquisadores da UNB, UFSCAR e USP; já quanto a uma distinção por área de atuação em pesquisa não houve significativa diferença entre pesquisadores das áreas de Ciência Política e de Relações Internacionais.

Outra informação que se demonstrou relevante foi que não há relação entre produtividade e colaboração, ou seja, não há uma tendência de os pesquisadores mais produtivos serem também os mais colaborativos. Inclusive, observa-se que o grupo de pesquisadores do nível 1 e categoria A – no qual se encontram parte dos pesquisadores mais produtivos dentre os bolsistas do CNPq – produzem menos em coautoria do que a média geral de todos os pesquisadores.

Os dados até aqui apresentados demonstram um panorama geral a partir da contabilização dos artigos, livros e capítulos de livros produzidos pelos pesquisadores. No entanto, informações mais específicas em relação à consistência e estrutura da rede de colaboração em pesquisa podem ser exploradas por meio da Análise de Redes Sociais. Para o presente trabalho, foram desenvolvidas duas matrizes que mapearam a interação entre os pesquisadores para criar representações gráficas que possibilitam a visualização da estrutura da produção na área de Ciência Política e Relações Internacionais no Brasil. Tanto a primeira matriz, de 119x119 – correspondente à produção entre os pesquisadores com bolsa de Produtividade em Pesquisa –, quanto a segunda, de 1802x1802 – referente às coautorias entre bolsistas Produtividade e pesquisadores a eles relacionados – formaram redes simétricas. Isso significa que quando há uma interação, ela é recíproca entre cada nó (entre pesquisadores), ou seja, quando A é coautor de B, o inverso também é verdadeiro.

Figura 1. Rede de colaboração entre pesquisadores com bolsa Produtividade em Pesquisa



Fonte: Elaboração dos autores a partir da Plataforma Lattes, utilizando o software ORA.

A Figura 1 representa a rede de colaboração entre os pesquisadores com bolsa de Produtividade em Pesquisa, divididos entre as áreas de Ciência Política – em vermelho – e Relações Internacionais – em preto. Destaca-se, em primeiro lugar, o número de pontos isolados, 31 em uma rede com 119 nós. Isso resulta, entre outros aspectos, em uma baixa densidade¹⁷ (medida em 0,013), visto que, apesar da quantidade de nós, foram mapeadas poucas ligações entre as ligações possíveis. Muitos pontos isolados também influenciam na baixa centralidade (0,008), o que aponta que não há um agente central na rede, com uma posição significativamente estratégica para influenciar os demais atores.

Dessa forma, algumas medidas de centralidade no nível dos nós também podem ser consideradas, sendo possível avaliar quão central é um específico nó e sua possível relevância para a rede como um todo. Uma das medidas utilizadas é a centralidade em relação ao grau¹⁸: P11 (UERJ) é o nó com mais alto grau de centralidade, o que significa que é o vértice que mais recebe/envia conexões. Contudo, é importante destacar que essa média é limitada: tendo como exemplo o caso em evidência, o nó tem três vizinhos, sendo que a produção com um deles é reincidente em 50 vezes, fazendo com que o peso da ligação com esse nó seja excedido. Assim, para a análise, a centralidade *betweenness*¹⁹ ou de intermediação pode ser mais representativa. Ela indica o nó mais “ponte” entre grupos de nós, com foco na influência que esse nó possui nos acessos aos outros nós da rede. Nesse caso, P82 (CEBRAP) é o nó mais central, mesmo com um índice baixo (0,052), visto que 63% do total de nós da rede possui centralidade *betweenness* de 0. Sendo assim, caso esse nó fosse removido, haveria possibilidade – mesmo que bastante remota – de a rede se desfazer. Vale destacar, ainda, que esses dois nós não correspondem ao ponto que mais tem conexão com diferentes agentes, que seria, por sua vez P100 (UNICAMP), que possui ligação com sete outros pesquisadores.

Considerando esses aspectos, pode-se afirmar que a rede é bastante fragmentada (a medida do índice é de 0,868) e instável, o que significa que qualquer alteração, como uma nova interação entre dois professores bolsistas de Produtividade em Pesquisa, ou a remoção de um pesquisador, resulte em uma mudança abrupta na rede como um todo. A transitividade²⁰ baixa da rede (com o índice de 0,181) também deve ser destacada. Na rede, foram formadas poucas

¹⁷ A densidade de uma rede é uma medida da relação entre o número de ligações presentes em comparação ao número total de ligações possíveis. Em uma rede densa, existem muitas ligações. Em uma rede esparsa, elas são relativamente poucas (MCCULLOH; ARMSTRONG; JOHNSON, 2013, p. 70).

¹⁸ O grau de centralidade de um nó é baseado no número de conexões que recebe (*indegree*) ou que envia (*outdegree*). Como as interações aqui descritas são não direcionadas, a centralidade *indegree* e *outdegree* é igual.

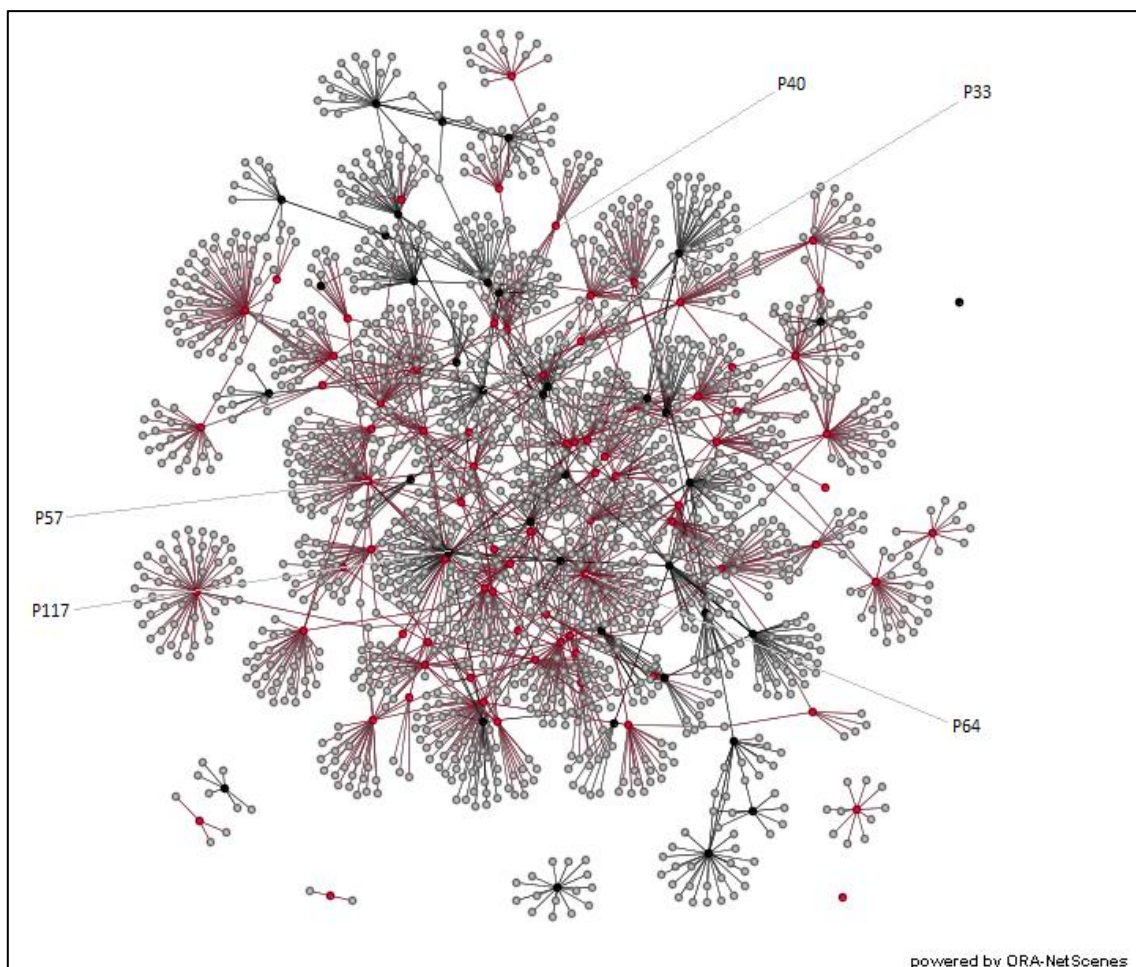
¹⁹ A centralidade de intermediação é o potencial dos agentes que servem de intermediários, representando o quão ponte é o ator na facilitação do fluxo de informações da rede (PEREIRA *et al.*, 2014).

²⁰ A transitividade aponta para a ideia de que se um nó A tem relação com B e B com C, então provavelmente, por uma questão de homofilia – semelhanças entre os nós –, A terá relação com C (MCCULLOH; ARMSTRONG; JOHNSON, 2013, p. 117).

tríades transitivas (triângulos de interação), que caracterizariam relações mais fortes. Essas estão presentes, mesmo que em pouca quantidade, nos dois aglomerados maiores: um de predomínio de pesquisadores de Ciência Política e outro de Relações Internacionais. Pode-se afirmar, dessa forma, que existem dois grupos independentes de colaboração em pesquisa dentro da representação em rede dos pesquisadores bolsistas Produtividade em Pesquisa, o que pode ser entendido como certa autonomia disciplinar entre as áreas.

A segunda matriz, correspondente às relações entre os bolsistas de Produtividade em Pesquisa e todos os pesquisadores que com eles realizaram coautoria, pode ser visualizada na Figura 2. No *grapho*, em vermelho, estão os pesquisadores com bolsa de Produtividade em Pesquisa categorizados na área de Ciência Política; em preto, os professores relacionados às Relações Internacionais – esses considerados “egos” para o presente trabalho –; e, em cinza, os demais pesquisadores.

Figura 2. Rede de colaboração entre pesquisadores com bolsa Produtividade em Pesquisa e demais pesquisadores relacionados



Fonte: Elaboração dos autores a partir da Plataforma Lattes, utilizando o software ORA.

As medidas da rede apontam para uma fragmentação baixa (0,072), com apenas dois pontos isolados: dois bolsistas de Produtividade em Pesquisa que não produziram em coautoria em nenhum artigo, livro ou capítulo de livro. A centralidade da rede como um todo é mais alta, especialmente a medida *eigenvector*²¹, que chega a 0,947. No nível dos nós, essa centralidade *eigenvector* corresponde ao pesquisador P40 (USP), medido como ator mais importante da rede. A medida de centralidade *betweenness* aponta, no entanto, para o bolsista Produtividade em Pesquisa P33 (UnB) como agente mais “ponte” e agregador de grupos. Outras medidas destacam, ainda, a centralidade de outros bolsistas como P64 (UNICAMP), com maior número de ligações com diferentes agentes; P57 (USP), com mais proximidade em relação a outros agentes da rede; e P117 (UNESP) como nó que mais recebe/envia conexões.

Em termos gerais, apesar de mais conectividade do que a primeira – são poucos nós ou *clusters* que não estão ligados à rede –, a densidade desta matriz é quase zero (0,001), o que reflete poucas ligações entre os agentes em comparação com as interações possíveis. São 1802 nós formando 3942 relações simétricas, aquém do que o potencial de conexão da rede. Do total de nós, 1528 têm uma relação (uma coautoria) com apenas um outro nó (pesquisador bolsista Produtividade em Pesquisa). Isso garante uma transitividade destacadamente baixa (0,013), com poucas relações de tríade, que poderiam formar ligações mais fortes. Analisando essas informações, juntamente ao *grapho*, é possível afirmar que a 84,7% das relações possui apenas uma aresta, entre o ego e um pesquisador a ele associado. É notório que esses pesquisadores associados só possuem essa vinculação à rede como um todo: sem essas pontes, eles estariam isolados.

Nesse sentido, ainda, observa-se que os bolsistas de Produtividade em Pesquisa, em geral, possuem mais relações com esses pesquisadores entendidos como “periféricos” do que com outros bolsistas. Essa característica aponta para a formação de pequenos grupos, que ilustra equipes de pesquisa estruturadas em torno dos egos primeiramente analisados. Assim, enfatiza-se que a coautoria está presente na produção em Ciência Política e Relações Internacionais no Brasil, mas é justificável apontar que as interações entre autores se dão fundamentalmente ao redor de egos: professores com bolsas de Produtividade em Pesquisa que publicam juntamente aos membros de suas equipes, grupos de pesquisa, orientandos e pesquisadores próximos por questões extracientíficas. É evidente que a questão temática afeta as coautorias, inclusive nas equipes, pois, usualmente, é assim que são formadas; porém, a rede possui um alto potencial não

²¹ A centralidade *eigenvector* corresponde ao grau de importância de um nó, considerando suas conexões. Essa medida aponta para que nós conectados com nós mais centrais recebem também maior centralidade do que se estivessem conectados com nós menos centrais (MCCULLOH; ARMSTRONG; JOHNSON, 2013).

alcançado, especialmente entre os egos – o que já havia sido assinalado na medida de densidade e na análise da primeira rede, na Figura 1.

Como observado anteriormente, o número de bolsistas Produtividade em Pesquisa da área de Ciência Política é maior do que o de Relações Internacionais, sendo mais numerosos os egos da primeira. Com mais egos, maior o número de equipes, o que leva a um maior número de pesquisadores periféricos. Considerando os dados descritos na análise sobre o número de coautores e na Análise de Redes Sociais, é possível afirmar, ainda, que a área de Relações Internacionais é mais coesa, com mais pesquisadores periféricos ligados a mais de um ego. Entende-se, de forma hipotética, que a área é mais jovem e, dessa forma, possui menos professores e pesquisadores, fazendo com que os pesquisadores periféricos acabem interagindo com mais de um professor bolsista de Produtividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo realizou uma análise das redes de colaboração científica existentes nas disciplinas de Ciência Política e de Relações Internacionais no Brasil. Partiu-se dos currículos e da produção científica de 119 pesquisadores, contemplados pela bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, a fim de identificar padrões de relacionamento cooperativo entre indivíduos e áreas de pesquisa. Considerou-se a cooperação expressa na produção de artigos, livros e capítulos de livros em coautoria, de modo que a análise se deu por meio do auxílio de técnicas bibliométricas e da abordagem teórico-metodológica da Análise de Redes Sociais.

Com base na análise pode-se dizer que as disciplinas de Ciência Política e Relações Internacionais apresentam um quadro de significativa colaboração em pesquisa, mesmo que em menor grau quando comparadas às áreas do conhecimento das exatas e da saúde, segundo a literatura da área. Em uma rede formada por 1802 pesquisadores, identificou-se a existência de colaboração em 34% do total da produção de artigos, livros e capítulos de livros analisados e destaca-se que apenas dois dos bolsistas de Produtividade em Pesquisa não apresentaram nenhuma relação de coautoria.

As relações de coautoria, em maior parte dos casos, são estabelecidas entre dois autores, ou seja, com apenas um coautor. Também identificou-se alta reincidência de pesquisadores que colaboram com os mesmos parceiros de pesquisa, o que se traduz em relações persistentes entre pesquisadores ou grupos de pesquisa, que se posicionam ao redor de um ego – no caso desse estudo, do bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Dessa forma, observam-se redes de colaboração em pesquisa esparsas e instáveis: esparsas pela baixa densidade, asseguradas pelo baixo número de interações em comparação

com as conexões possíveis; e instáveis em razão de que qualquer modificação pode resultar em uma mudança brusca na rede (especialmente no que diz respeito à primeira matriz). Ainda, a baixa transitividade, medida que demonstra a força das relações, aponta para a potencialidade da rede.

Este estudo teve a pretensão de colaborar com a nova tradição de autorreflexão disciplinar nas áreas de Ciência Política e Relações Internacionais no Brasil. Para tanto, considera-se a análise da colaboração em pesquisa uma variável importante a ser considerada, especialmente devido ao seu potencial de contribuição no desenvolvimento da ciência e na compreensão da relevância da comunicação e da difusão do conhecimento científico. A Análise de Redes Sociais, para além dos resultados apresentados neste estudo, pode ser utilizada como ferramenta para a identificação de muitos outros aspectos relevantes, tais como a existência de redes em relação a áreas temáticas específicas e redes de colaboração internacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABCP, Associação Brasileira de Ciência Política. **Projeto Ciência Política no Brasil: História, Conceitos e Métodos**. Disponível em <<http://memoria.cienciapolitica.org.br/>>. Último acesso em 15 de julho de 2016.

ALMOND, G. Political Science: The History of the Discipline; In: GOODING, Robert and KLINGEMANN, H. (Eds.). **A New Handbook of Political Science**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

AMORIM NETO, O.; SANTOS, F. La ciencia política en Brasil: El Desafío de la Expansión. **Revista de Ciencia Política**, Santiago, v. 25, n. 1, p. 101-110, 2005.

AMORIM NETO, O.; SANTOS, F. La ciencia política en Brasil en la última década: la nacionalización y la lenta superación del parroquialismo. **Revista de Ciencia Política**, Santiago, v. 35, n. 1, p. 19-31, 2015.

BARABÁSI, A. L., JEONG, H., NÉDA, Z., RAVASZ, R., SCHUBERT, A., & VICSEK, T. Evolution of the social network of scientific collaboration. **Physica A**, n. 311, p. 590-614, 2002

CRUZ, S. C. Velasco e MENDONÇA, F. O campo das Relações Internacionais no Brasil. In: MARTINS, C.B. (Org). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Ciência Política**. São Paulo, ANPOCS/Ed. Barcarolla, 2010.

DRYZEK, J. Revolutions Without Enemies: Key Transformations in Political Science, **American Political Science Review**, v. 100, n. 04, p. 487-492, 2006.

EASTON, D. Political Science in the United States: Past and Present, **International Political Science Review**, v. 06, n. 01, p. 133-152, 1985.

FAFCHAMPS, M.; VAN DER LEIJ, M. J.; GOYAL, S. Scientific network and coauthorship. **Discussion paper series**, University of Oxford, n. 256, 2006.

FARIA, C.A.P. O ensino e a pesquisa sobre política externa no campo das Relações Internacionais do Brasil. **Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, v. 1, n. 2, 2012.

FARR, J. Remembering the Revolution: Behavioralism in American Political Science; In: FARR, J.; DRYZEK, J. & LEONARD, S. (Eds.). **Political Science in History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

FORJAZ, M. C. S. A emergência da Ciência Política no Brasil: Aspectos institucionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 35, 1997.

GOODING, R.; KLINGEMANN, H. Political Science: The Discipline; In: GOODING, R.; KLINGEMANN, H. (Eds.). **A new Handbook of Political Science**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

HERZ, M. O crescimento da área de relações internacionais no Brasil. **Contexto Internacional**, v. 24, n. 1, p. 7-40, 2002.

KUHN, T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Lisboa: Guerra e Paz, 2005.

LAMOUNIER, B. A ciência política no Brasil: roteiro para um balanço crítico. In: LAMOUNIER, B. (Org.). **A Ciência Política nos anos 80**. Brasília: Unb, 1982.

LAZER, D. Networks in Political Science: Back to the Future. **PS: Political Science & Politics**, v. 44, p. 61–68, 2011.

LEITE, D.; CAREGNATO, C. E.; LIMA, E. G. dos S.; PINTO, I.; MIORANDO, B. S.; SILVEIRA, P. B. da. Avaliação de redes de pesquisa e colaboração. **Avaliação** (Campinas), v. 19, n. 1, p. 291-312, 2014 .

LEITE, F. O campo de produção da Ciência Política brasileira contemporânea: uma análise histórico-estrutural de seus princípios de divisão a partir de periódicos, áreas e abordagens. 2015. Tese de Doutorado em Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná.

LESSA, A. C. Instituições, atores e dinâmicas do ensino e da pesquisa em Relações Internacionais no Brasil: o diálogo entre a história, a ciência política e os novos paradigmas de interpretação (dos anos 90 aos nossos dias). **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 48, n. 2, p. 169-184, 2005.

LESSA, R. O campo da Ciência Política no Brasil: uma aproximação construtivista. In: MARTINS, C. B. (Org.). **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: Ciência Política**. São Paulo: ANPOCS, 2010.

MADEIRA, R. M.; MARENCO, A. Os desafios da internacionalização: mapeando dinâmicas e rotas da circulação internacional. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.19, pp.47-74, 2016.

MAIA, M. de F. S.; CAREGNATO, S. E. Co-autoria como indicador de redes de colaboração científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 13, n. 2, p. 18-31, 2008.

MARENCO, A. The Three Achilles' Heels of Brazilian Political Science. **Brazilian Political Science Review**, v. 8, n. 3, p. 3-38, 2014.

MARENCO, A. When institutions matter: CAPES and Political Science in Brazil. **Revista de Ciencia Política**, v. 35, n. 1, p. 33-46, 2015.

MCCULLOH, I.; ARMSTRONG, H.; JOHNSON, A. **Social Network Analysis with Applications**. New Jersey: John Wiley and Sons, 2013.

MICELI, S. (Org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**, Vol. 2. São Paulo: Sumaré/Fapesp, 1995.

MIYAMOTO, S. O Estudo das Relações Internacionais no Brasil: O estado da arte. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 12, p. 83-98, 1999.

- MIYAMOTO, S. O Ensino das Relações Internacionais no Brasil: Problemas e Perspectivas. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 20, p. 103-114, jun. 2003.
- NEWMAN, M. E. J. Coauthorship networks and patterns of scientific collaboration. **PNAS**, v. 101, 2004.
- NEWMAN, M. E. J. Scientific collaboration networks I: network construction and fundamental results. **Physical Review E**, v. 64, 16131-1-8, 2001.
- PEREIRA, J. C. ; CALABRO, L. ; TEIXEIRA, M. R. F. ; SOUZA, D. O. . Redes de coautoria identificadas na produção científica em programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 11, p. 731-753, 2014.
- QUIRINO, C. Departamento de Ciência Política. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 32, p. 337-348, 1994.
- REDFORD, E. Reflexions on a Discipline, **American Political Science Review**, v. 55, n. 04, p. 755-762, 1961.
- REIS, E. P. A construção intelectual e a política das Ciências Sociais brasileiras: a experiência do IUPERJ. In: MICELI, S. (Org.). **A Fundação Ford no Brasil**. São Paulo: Sumaré, 1993.
- ROSS, Dorothy. **The origins of American Social Science**. Nova York: Cambridge University Press, 1991.
- SALES, R. de; CHAVES GUIMARÃES, J. A.; TANNURI OLIVEIRA, E. F.; BUFREM, L. S. Redes sociais em linguagens documentais: uma análise de coautoria a partir da realidade brasileira. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 16, n. 31, p. 01-24, 2011.
- SANTOS, N. B. dos; FONSECA, F. E. A pós-graduação em relações internacionais no Brasil. **Contexto Internacional**, v. 31, n. 2, p. 353-380, 2009.
- SILVA, E. L. Rede científica e a construção do conhecimento. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p.120-48, 2002.
- SOARES, G. A. D. O calcanhar metodológico da Ciência Política no Brasil. In: MARTINS, C. B. **Para onde vai a pós-graduação em ciências sociais no Brasil**. Bauru: Edusc/Anpocs, 2005.
- SOARES, G. A. D.; SOUZA, C. P. R. de; MOURA, T. W. de. Colaboração na produção científica na Ciência Política e na Sociologia brasileiras. **Soc. estado**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 525-538, 2010.
- SOMIT, A.; TANNENHAUS, J. **The Development of American Political Science: From Burgess to Behavioralism**. Boston MA: Allynand Bacon, 1967.
- TRINDADE, H. H. C. Ciências Sociais no Brasil em perspectiva: fundação, consolidação e expansão. In: TRINDADE, H. (Org.) **As Ciências Sociais na América Latina em perspectiva comparada (1930-2005)**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- TRINDADE, H. H. C. **Ciências Sociais no Brasil: Diálogos com Mestres e Discípulos**. Brasília: Lieber Livro Editora, 2012.